

NOSSOS CLÁSSICOS

ALFRED HETTNER

GEOGRAFIA: ENTRE A CIÊNCIA, A ARTE E A

PRAXIS¹

A tradução que ora apresentamos dá prosseguimento ao nosso projeto de versar para a língua portuguesa a obra “A Geografia, sua história, sua essência e seus métodos” (*Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden*), do geógrafo alemão *Alfred Hettner* (1859-1941).

Dentre as inúmeras contribuições teórico-metodológicas apresentadas por Hettner ao longo de sua grande obra, poder-se-ia destacar aquela em que o geógrafo alemão se esforça por delimitar as fronteiras entre a Geografia, a Arte e a Práxis. E tal esforço está, sem dúvida, indissociavelmente atrelado tanto a questões de ordem biográfica, quanto ao espírito da época (*Zeitgeist*) em meio ao qual produz sua obra, quanto também ao processo de disputa e consolidação no qual a Ciência Geográfica se encontra e do qual Hettner participa ativamente.

Alfred Hettner é o quarto filho de *Hermann Hettner* (1821-1882), um professor assistente (*Privatdozent*) de Estética e História da Arte na Universidade de Heidelberg – amigo do filósofo *Ludwig Feuerbach* (1804-1872), do escritor *Gottfried Keller* (1819-1890), entre outros – que, posteriormente, é convidado a assumir a cátedra de Estética, História da Arte e História da Literatura da Universidade de Jena, tornando-se, por fim, diretor da coleção real da Antiguidade e professor na Academia de

¹ Apresentação das traduções feitas por Leonardo Arantes, doutorando em Geografia da UFF e bolsista Capes, com revisão de Wolf-Dietrich Sahr, professor adjunto do Departamento de Geografia da UFPR. Notas de Leonardo Arantes e Wolf-Dietrich Sahr.

Belas Artes de Dresden. Viúvo precocemente, Hermann casa-se pela segunda vez com *Anna Grahl*, filha do pintor miniaturista *August Grahl* (1791-1868), e com ela tem mais quatro filhos, sendo Alfred o primogênito deste segundo casamento. E é em meio a esse contexto familiar tipicamente burguês da Alemanha bismarckiana, que Alfred cresce em Dresden, onde o gosto pelas Ciências e pelas Artes certamente influencia sua formação (*Bildung*)² no sentido amplo do termo.

Além desse importante contexto biográfico que o liga desde cedo ao mundo das Artes, é preciso atentar para o espírito da época no qual o já geógrafo Alfred Hettner elabora suas principais formulações teórico-metodológicas acerca da Geografia. É na passagem do Segundo Reich à República de Weimar, em meio a um intenso debate acerca das teorias espaciais – seja aquela ligada às teorias da relatividade e da mecânica quântica, ou aquela presente no discurso estético dos movimentos da abstração etc.³ –, que a Geografia em consolidação busca seu lugar ao sol, ora como discurso científico, ora como discurso estético, ora até mesmo como uma forma de Arte. Neste campo de disputa, Hettner concentra esforços para definir as fronteiras de uma Geografia Estética, de uma Geografia como Arte e de uma Geografia Prática, reivindicando, deste modo, estatuto de ciência moderna à Geografia, sem abrir mão de uma rica e fértil relação com as Artes bem como de sua tradicional e produtiva ligação com o mundo da Práxis.

Os textos a seguir são, portanto, a tradução das seções 5 “A Geografia Estética e a Geografia como Arte” (*Ästhetische Geographie und Geographie als Kunst* – p. 151-155) e 6 “A Geografia Prática” (*Praktische Geographie* – p. 155-160) do segundo capítulo (denominado livro) “A

² Para informações mais detalhadas, ver: Wardenga, Ute. *Geographie als Chorologie. Zur Genese und Struktur von Alfred Hettners Konstrukt der Geographie*. Erdkundliches Wissen 100. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1995. Ver também: Plewe, Ernst e Wardenga, Ute. *Der junge Alfred Hettner. Studien zur Entwicklung der wissenschaftlichen Persönlichkeit als Geograph, Länderkundler und Forschungsreisender*. Erdkundliches Wissen 74. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1985.

³ A esse respeito, ver: Sahr, W. e Arantes, L.. *A profusão das teorias espaciais e a fusão do espaço geográfico: Alfred Hettner e o projeto corológico*. GEOgraphia n. 13, Niterói, jan. 2012. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/412/321>. Acesso em: 22 Jan. 2014.

essência e as tarefas da Geografia” (*Das Wesen und die Aufgaben der Geographie* – p. 110-160), e das seções 7 “O Valor Estético da Paisagem” (*Der ästhetische Wert der Landschaft* – p. 317-321) e 8 “O Valor Prático da Paisagem” (*Der praktische Wert der Landschaft* – p. 321-323) do quarto capítulo (denominado livro) “A formação dos conceitos e ideias geográficos” (*Die geographische Begriffs- und Gedankenbildung* – p. 215-323).

Leonardo Arantes e Wolf-Dietrich Sahr

A geografia estética e A geografia como arte*

Junto à [Geografia] Teórica encontra-se uma Geografia Estética, ao lado da Geografia como Arte⁴. Já *Georg Forster*⁵, *Alexander von Humboldt*⁶ e outros viajantes trataram a Geografia sobretudo no sentido artístico, e também na literatura sistemática [p.152] ela não está completamente ausente; *Kriegk*⁷ diz em seu interessante artigo sobre

* Seção 5, “A Geografia Estética e a Geografia como Arte” (*Ästhetische Geographie und Geographie als Kunst*, p. 151-155) do segundo capítulo (denominado livro) “A essência e as tarefas da Geografia” (*Das Wesen und die Aufgaben der Geographie*, p. 110-160) da obra de Alfred Hettner “A Geografia, sua história, sua essência e seus métodos” (*Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden*).

⁴ O vocábulo “arte”, no alemão *Kunst*, tem sua raiz etimológica germânica ligada ao verbo *können* que significa “ter a capacidade de”, “dispor do poder de”. É importante atentarmos para a distinção semântica que Hettner quer destacar no texto e, para isto, empregamos o termo “Arte”, em maiúsculo, ao designar o objeto da Estética e “arte”, em minúsculo, ao designar o *savoir faire*. [N.T.]

⁵ *Georg Forster* (1754-1794), geógrafo e revolucionário, filho do historiador da natureza e pastor protestante *Johann Reinhold Forster* (1729-1798). Quando Georg contava com apenas 17 anos, foi levado por seu pai na segunda volta ao mundo capitaneada por *James Cook* (1728-1779). Enquanto Reinhold Forster se encarregara de produzir um relato sobre a viagem, que posteriormente seria publicado em Londres, a Georg Forster foi incumbida a tarefa de produzir as gravuras da fauna e da flora do Mar do Sul (Oceano Pacífico). [N.T.]

⁶ *Alexander von Humboldt* (1769-1859), naturalista e reconhecido, ao lado de *Carl Ritter* (1779-1859), como fundador da Geografia moderna, estabeleceu forte ligação com filósofos, cientistas e artistas de seu tempo, sobretudo com aqueles ligados ao Idealismo e ao Romantismo. A influência destes movimentos se faz sentir claramente na linguagem empregada em sua principal obra, *Cosmos*. [N.T.]

⁷ *Georg Ludwig Kriegk* (1805-1978), historiador, membro fundador da sociedade geográfica em Frankfurt (1836), foi pesquisador particular, professor de ginásio e, a partir de 1860, arquivista municipal de Frankfurt. A quinta parte da citada coletânea de Kriegk trata de “A Geografia Estética”, que se subdivide em uma parte dedicada às formas da superfície terrestre e em outra sobre paisagens, formas e cores do mundo

Geografia Estética (Escritos de Geografia Geral, 1840:225): “As descrições subjetivadas⁸ (*Schilderungen*) do geógrafo carecem de conteúdo genuíno e de suas ornamentações mais belas, quando o mesmo não é capaz de compreender, igualmente ao pintor de paisagens e ao poeta, o caráter estético das regiões⁹ (*Länder*).” Mas, imediatamente, ele também chama atenção para a grande diferença entre a apresentação (*Darstellung*) do geógrafo e as do pintor e do poeta. Recentemente, um forte movimento se colocou a favor da bela Geografia¹⁰. Na Alemanha, *Banse*¹¹ fez campanha com opiniões mais ruidosas do que claras – as quais não vale a pena analisar detalhadamente –, para colocar a Geografia primeiramente como Arte no lugar da Geografia Científica e, posteriormente, posicionando-a ao menos acima [desta], encontrando muita aceitação notadamente no magistério. Isso indica que existem certas falhas no funcionamento da Geografia, que se negligenciou de modo demasiado a apresentação (*Darstellung*) ou síntese frente à preponderância da pesquisa (*Forschung*), e que a intuição imediata (*unmittelbare Anschauung*) se retraiu demasiadamente frente à abstração conceitual (*begriffliche Abstraktion*) e à exposição das causas (*Erörterung der Ursachen*). Na Inglaterra,

vegetal, águas, clima e ar, o mundo animal e a influência do homem sobre o caráter estético da natureza. [N.T.]

⁸ É importante também compreender de início o jogo de linguagem do qual se vale Hettner para demarcar os campos da Ciência e da Arte: a *Schilderung*, que por ausência de termo mais apropriado foi traduzida aqui por “descrição subjetivada”, é uma forma de apresentação/representação (*Darstellung*), oral ou escrita, distinta da descrição pura (*Beschreibung*), que se atém exclusivamente à objetividade dos objetos, fatos e acontecimentos. [N.T.]

⁹ Veja a nota 3 de nossa tradução: Hettner, A.. *A geografia como ciência corológica da superfície terrestre* [Die Geographie als chorologische Wissenschaft der Erdoberfläche]. GEOgraphia, Niterói, 13, jan. 2012. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/409/318>. Acesso em: 22 Jan. 2014. [N.T.]

¹⁰ Hettner emprega o termo “bela Geografia” (*schöne Geographie*) para fazer alusão às “Belas Artes”. [N.T.]

¹¹ *Ewald Banse* (1883-1853), geógrafo, historiador pangermanista e escritor alemão. Ver: Banse, Ewald. *Expressionismus und Geographie*. Geographische Zeitschrift 27, p.31. 1920. [N.T.]

*Younghusband*¹² se manifestou, num livro sobre o coração da natureza, em favor da observação estética (*ästhetische Betrachtung*) na Geografia e deu como exemplos belas descrições subjetivadas (*Schilderungen*) do Himalaia. Se, com isto, o alemão e o inglês perseguem o mesmo objetivo, existe sim, todavia, uma diferença importante: a luta de Banse é direcionada contra a Geografia Científica; ao contrário, Younghusband se volta menos contra ela do que contra a consideração exagerada das finalidades práticas. A questão é se existe uma Geografia como Arte e em quais relações esta se encontra com a Geografia como Ciência, e a isso se liga a questão sobre o que se pode entender por Geografia Estética.

Quando se fala de Geografia como Arte, não se pode pensar com isto, tal como diz expressamente Banse, na Arte como apresentação geográfica (*geographische Darstellung*). Esta troca de termos, que repousa sobre a falta de clareza do pensamento, já ensejou muito transtorno na disputa dos historiadores sobre a Historiografia como Ciência e como Arte, e também, como me parece, causa transtorno na cabeça de alguns geógrafos. Quando falamos da arte da apresentação (*Kunst der Darstellung*), a palavra arte, tal como na proposição “isto não é nenhuma arte”¹³, provém imediatamente da faculdade de fazer e significa a capacidade de dizer bem o que se quer dizer, de modo que não apenas a expressão em si é oportuna, mas que também a ordenação das ideias é clara e apropriada, e que a língua se desdobra e conflui em belas expressões. Não se pode falar de uma arte da apresentação apenas em descrições (*Beschreibungen*) de uma paisagem, mas sim também em investigações puramente científicas (*rein wissenschaftliche Untersuchungen*) [p.153], das quais o Cosmos de Humboldt ou [a obra] *Novos Problemas* [da Geografia Comparativa enquanto Ensaio de uma Morfologia da Superfície Terrestre] de Peschel¹⁴ assim como sua Etnografia¹⁵ (*Völkerkunde*) são, de certo

¹² *Francis Edward Younghusband* (1863-1942), oficial do exército britânico, explorador, membro e, posteriormente, presidente da *Royal Geographical Society*. Ver: Younghusband, Francis Edward. *The Heart of Nature or the Quest for Natural Beauty*. London: John Murray, 1921. [N.T.]

¹³ Expressão idiomática do alemão que quer dizer “isto não é complicado de se fazer”. [N.T.]

¹⁴ *Oscar Ferdinand Peschel* (1826-1875) foi um geógrafo alemão, o primeiro a assumir, em 1871, a cátedra de Geografia da Universidade de Leipzig, a quarta mais antiga da Alemanha. Hettner cita aqui:

modo, exemplos esclarecedores. É evidente que essa arte da apresentação deve ser o alvo do esforço de cada um; hoje nós já superamos a postura de considerar irrelevante a forma da apresentação e até mesmo de pensar que apenas uma má apresentação será científica. Contudo, esta arte da apresentação nada tem a ver com a Geografia como Arte.

Todavia, desconsiderando também a arte da apresentação, é necessário diferenciar duas coisas: Geografia Estética e Geografia como Arte não são a mesma coisa, tampouco como Estética em geral e Arte são a mesma coisa.

A *Geografia Estética* faz parte da Ciência e é, em certo sentido, um ramo da Estética, cujos pontos de vista se voltam para os fatos geográficos. Ela examina os valores estéticos e de beleza dos fenômenos da natureza da região (*Landesnatur*): das formas da superfície, das águas, dos mundos animal e vegetal, dos povoadamentos humanos e em geral das obras e vestígios do homem produzidos na paisagem, sob ambos os pontos de vista da forma e da cor. De antemão, contudo, deveria ser decidido no campo da Estética se há valores estéticos eternamente válidos ou se a diferencialidade e mutabilidade das valorações estéticas não indica que estas sejam de origem subjetiva e psicológica, de modo que a valoração estética da paisagem apenas seja possível a partir de um determinado ponto de vista. Uma Geografia Estética nesse sentido foi escrita por *Kriegk*, e também as partes das Estéticas que são dedicadas à Estética da natureza em geral de *Th. Vischer*¹⁶ e de *Köstlin*¹⁷, um livro de *Hallier*¹⁸ entre outros,

Peschel, Oscar. *Neue Probleme der vergleichenden Erdkunde als Versuch einer Morphologie der Erdoberfläche*. Leipzig: Verlag von Duncker und Humblot, 1870 e Peschel, Oscar. *Völkerkunde*. Leipzig: Verlag von Duncker und Humblot, 1874. [N.T.]

¹⁵ O vocábulo *Volk* (povo), no plural *Völker*, ganhou ressignificação com Herder na passagem do século XVIII para o XIX, tornando-se um conceito-chave do discurso romântico. Para compreender as culturas europeias, os alemães criaram uma ciência chamada *Volkskunde* (Ciência do Povo), enquanto a cultura dos demais povos ficou a cargo de uma outra ciência, a *Völkerkunde* (Ciência dos Povos, Etnografia). Ambas se aproximam do que hoje conhecemos como Antropologia e Etnologia. [N.T.]

¹⁶ *Friedrich Theodor Vischer* (1807-1887) teórico da Literatura Alemã, filósofo no campo da Estética, escritor e político, publicou uma extensa “Estética ou Ciência do Belo” (*Ästhetik oder Wissenschaft des Schönen*. Karl Mäcken’s Verlag. Reutlingen, Leipzig, 1847). [N.T.]

compreendem naturalmente a Geografia Estética. Todavia, são apenas pontos de partida. Também o estimulante livro de *Ratzel*¹⁹ sobre a descrição subjetivada da natureza (*Über Naturschilderung*) apresenta apenas aforismos, e o livro de *Max Haushofer*²⁰ sobre a paisagem é bastante superficial. Algumas interessantes observações encontram-se dispersas na literatura, como a comparação da paisagem nórdica e em especial da paisagem alpina com a italiana no belo livro de *Hehn*²¹ sobre a Itália. É necessário um tratamento sistemático mais intensivo da Geografia Estética. Ela teria que se juntar aos resultados da Geografia Científica,

¹⁷ *Karl Reinhold von Köstlin* (1819-1894), teólogo, historiador da literatura e professor de Estética em Tübingen, publicou a obra “Estética”. (*Ästhetik*. Tübingen: Verlag der Laupp’schen Buchhandlung, 1869) [N.T.]

¹⁸ *Ernst Hallier* (1831-1904), botânico e filósofo, publicou a obra dedicada a Vischer “Estética da natureza” (*Ästhetik der Natur. Für Künstler, Naturkundige, Lehrer, Gärtner, Land- und Forstwirthe, Geistliche sowie für Freunde der Natur überhaupt*. Stuttgart: Enke, 1890. [N.T.]

¹⁹ *Friedrich Ratzel* (1844-1904), geógrafo e catedrático em Leipzig é considerado fundador da Geografia Humana. Apesar de ser membro do “Positivistenkränzchen” (alemão: café da tarde dos positivistas) com outros Professores de Leipzig, mostrou uma forte inclinação ao pensamento romântico e nacional no final do século XIX. Ratzel, Friedrich. *Über Naturschilderung*. Munique, Berlim: Oldenbourg, 1904. (em português, encontra-se disponível parte da introdução desta obra em: Ratzel, F. *Sobre a interpretação da natureza* [Über Naturschilderung]. GEOgraphia, Niterói, 12, mai. 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/339/282>. Acesso em: 22 Jan.) [N.T.]

²⁰ *Maximilian Joseph Haushofer* (1811-1866) foi um pintor de paisagem e professor de pintura de paisagem na Academia de Arte de Praga. Fundou a colônia de artistas de Frauenchiemsee e publicou a obra “A Paisagem” (*Die Landschaft*. Bielefeld und Leipzig: Velhagen und Klasing, 1903). Max Haushofer era bisavô do geógrafo Karl Haushofer (1869–1946), conhecido por sua Geopolítica em apoio ao nacional-socialismo, e trisavô de Albrecht Haushofer (1903-1945), professor de Geografia Política e Geopolítica na Universidade de Berlim, executado em 1945 pelos nacional-socialistas. [N.T.]

²¹ *Victor Amadeus Hehn* (1813-1890), historiador da arte, publicou a obra “Itália” (*Italien. Ansichten und Streiflichter*. Gebrüder Bornträger, 1903), um livro de grande repercussão em famílias burguesas na época [N.T.]

sobretudo aos da Morfologia²² e da Geografia das Plantas; pois os diferentes tipos genéticos das formações da superfície e das formações de vegetação, como aqueles da natureza em geral, têm também valores estéticos diferentes. Tão diferentes são as formas dos Alpes e das Serras²³ (*Mittelgebirge*) alemãs ou dos Apeninos, quão diferentes são as cores e os tons dos países nórdicos, do Sul mediterrânico, do deserto, dos trópicos e das montanhas (*Hochgebirge*)! Tal tratamento estético [p.154] das regiões (*Länder*) seria sem dúvida um enriquecimento da literatura geográfica. Contudo, ele é Ciência e não Arte, e não é isto que *Banse* quer. Esse tratamento pode ser incluído na Geografia do Homem²⁴, ou pelo menos está relacionado com esta na medida em que se trata do efeito da paisagem sobre o ânimo (*Gemüt*) do Homem²⁵.

A apresentação geográfica (*geographische Darstellung*) se torna *Arte* quando busca reproduzir verbal ou imageticamente a beleza da paisagem – a palavra tomada no sentido mais amplo –, quando se volta não para o entendimento²⁶ (*Verstand*), mas sim para o sentimento (*Gefühl*) e para a atmosfera emocional²⁷ (*Stimmung*) do leitor ou, no tocante à apresentação

²² Entenda-se aqui por Morfologia o ramo da Geografia conhecida como Geomorfologia. [N.T.]

²³ A Geomorfologia alemã diferencia a *Mittelgebirge* (serras e antigas montanhas dobradas posteriormente aplainadas do tipo apalachiano) e a *Hochgebirge* (uma montanha dobrada do tipo jurássico, como os Alpes) através da altitude, a primeira não atingindo mais que 1500 metros. [N.T.]

²⁴ Sobre a concepção de Alfred Hettner acerca da Geografia do Homem (*Geographie des Menschen*), ver: Hettner, A. *Os ramos da geografia e sua relação com as ciências da natureza / Die Zweige der Geographie und ihr Verhältnis mit den Naturwissenschaften*. GEOgraphia, Niterói, 14, mai. 2013. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/565/357>. Acesso em: 22 Jan. 2014. (p.149-158) Ver também sua obra póstuma organizada por Heinrich Schmitthenner em 3 volumes: Hettner, Alfred. *Geographie des Menschen*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1947. [N.T.]

²⁵ Ver W. Helpach, *Die geopsychischen Erscheinungen*, Leipzig 1911. [N.A.]

²⁶ *Verstand*: entendimento, faculdade que, juntamente com a da sensibilidade (*Sinnlichkeit*), compõem a faculdade de conhecer, segundo *Immanuel Kant* (1724-1802). [N.T.]

²⁷ *Stimmung*: atmosfera emocional, aura, estado de espírito. É um termo que descreve um estado de ligação entre pessoas e objetos ativos num determinado alcance. Dependendo da perspectiva, a atmosfera pode partir dos objetos que induzem certa atmosfera, ou das

gráfica ou imagética, do observador; pois aí reside a diferença entre a Arte e a Ciência. Existe uma Arte da Paisagem – Pintura da Paisagem tanto como Poesia da Paisagem – que raramente é autônoma, mas que, na maioria das vezes, existe apenas como pano de fundo da ação, e sobre sua razão de ser não pode residir nenhuma dúvida. A questão é apenas se a Arte da Paisagem e a Ciência Geográfica devem trilhar lado a lado em caminhos separados, ou se a Ciência Geográfica deve desembocar na Arte, se esta última deve ser o patamar superior do edifício da Ciência. Isto é o que *Banse* e *Younghusband* e seus discípulos ambicionam; uma “bela Geografia”²⁸ deve coroar o edifício.

Já chamei atenção para o fato de que as descrições subjetivadas (*Schilderungen*) da beleza paisagística e da aura²⁹ (*Stimmung*), as quais não apenas instruem, mas sim também querem atuar sobre o ânimo (*Gemüt*), encontram-se em grande número na literatura de viagem; todavia, elas são às vezes pouco satisfatórias, também poderiam ser mais numerosas e tratadas de maneira mais geral. A descrição de viagem (*Reisebeschreibung*), no entanto, não é de forma alguma uma obra da ciência pura, mas fica próxima da narrativa artística (*künstlerische Erzählung*). Daí resta a questão, se o lugar da descrição subjetivada artística (*künstlerische Schilderung*) também fica dentro das apresentações sistemáticas (*systematische Darstellungen*) e como ela coincide com a descrição científica (*wissenschaftliche Beschreibung*) e a investigação causal. E aí se erguem, contudo, grandes ponderações. Mesmo desconsiderando em geral o fato de que a aspiração pela apresentação artística (*künstlerische Darstellung*) – quando não há nenhuma verdadeira aptidão artística por detrás – conduz facilmente para a apresentação artificializada (*gespreizte Darstellung*), também existem diferenças mais fundamentais. A Ciência trata da verdade (*Wahrheit*) no sentido da conformidade com a realidade (*Wirklichkeit*). O artista também ambiciona a verdade, mas sua verdade significa apenas possibilidade e probabilidade interna; ele não coloca nenhum valor sobre a conformidade com uma determinada realidade, sacrificando-a quando ela atrapalha a unidade da

peças que se mostram abertas para tal atmosfera devido ao seu humor. Principalmente na época do Romantismo, a atenção para os *Stimmungen* era grande, também em relação com a paisagem. [N.T.]

²⁸ Veja a nota 10. [N.T.]

²⁹ Veja a nota 27. [N.T.]

imagem. À Ciência Geográfica importa mais o caráter total da região (*Land*) do que o fato singular; a [p.155] Pintura, ao contrário, sempre se expressará em imagens singulares, e também a Poesia da Paisagem deve se ater ao singular para preservar a intuição (*Anschauung*). Não posso negar que as tentativas modernas de apresentação artística (*künstlerische Darstellung*) na Geografia me parecem insuficientes e também na maioria das vezes até sem gosto.

Banse vai mais longe quando exige até mesmo uma Arte expressionista na Geografia. “O que nos pode significar a natureza em si? Apenas seu espelhamento em nossos corações tem significância, apenas por sua causa vale a pena embeber a pena de tinta, todo o restante é mero trabalho³⁰.” Com tal concepção ele abandona completamente o campo da Ciência e reconhece apenas o direito da Poesia da Paisagem. Não se pode negar-lhe seu direito pessoal de transformar-se de um geógrafo em um poeta; isso ele deve justificar diante de outro fórum. Contudo, seria desastroso se a Geografia quisesse se transformar em Poesia da Paisagem, seja de tipo impressionista ou expressionista. Seria o mesmo que aceitar, em vez da Historiografia, apenas o Romance Histórico, no lugar da Ciência do Povo (*Volkskunde*)³¹ apenas a Pintura de Gênero (*Genrebild*)³². O esteticismo moderno é um grande perigo também para a Geografia. Mesmo sendo, de certo modo, lindas e impressionantes, as pinturas de Böcklin³³ são tudo, menos geográficas.

Também a apreciação religiosa e ética da natureza da região (*Landesnatur*) apresenta certa conexão com a [apreciação] estética. Ela

³⁰ *Neue Geographie*, p. 55. [N.A.]

³¹ Veja a nota 15. [N.T.]

³² A *Genrebild*, pintura de gênero ou pintura de cenas cotidianas, teve início no século XVII na pintura flamenga. Ganhou nova importância na transição da época romântica ao realismo durante a segunda metade do século XIX, principalmente na Alemanha e na França. Nesta época, iniciou-se primeiramente no movimento conservador conhecido como *Biedermeier*, mas continuou também na pintura da crítica social, principalmente com cenas da vida rural na segunda metade do séc. XIX. Aqui se percebe também uma ligação entre a pintura da paisagem (como paisagem do trabalho) e a observação social dos trabalhadores rurais, sobretudo na convivência entre os pintores ao ar livre e as populações locais nas colônias artísticas. No Brasil, José Ferraz de Almeida Júnior é um representante deste tipo de pintura [N.T.]

³³ *Arnold Böcklin* (1827-1901), pintor suíço ligado ao movimento do Simbolismo. [N.T.]

teve um papel importante nos séculos anteriores, especialmente na época da Reforma, e formou uma componente da Teodiceia, das justificações da criação divina. Igualmente, a investigação teleológica da natureza da Terra é parte disso, tal como encontramos em Carl Ritter³⁴ e em outros, na qual a Terra é apreciada como Escola da Humanidade (*Erziehungshaus der Menschheit*). Para tais observações religiosas ou metafísicas vale o mesmo que para a concepção estética da natureza: elas não podem substituir a Ciência, mas têm sua razão de ser ao lado e dentro da concepção científica, enquanto valoração visio-mundana³⁵ (*weltanschauliche Wertung*) da própria [Ciência].

³⁴ *Carl Ritter* (1779-1859), geógrafo e reconhecido, ao lado de Humboldt, como fundador da geografia moderna. Cunhou o conceito de Terra como escola da humanidade (*Erziehungshaus der Menschheit*). [N.T.]

³⁵ Optamos por traduzir o adjetivo germânico “*weltanschaulich*” por “visio-mundano”, e não por “ideológico”, justamente para preservar seu sentido atrelado à *Weltanschauung* (visão de mundo). [N.T.]

A geografia prática*

Por muito tempo, a Ciência esteve inteiramente a serviço das finalidades práticas da vida; seus trabalhos foram dirigidos pelas necessidades destas. Apenas tardiamente ela se tornou autônoma, formou-se uma pulsão de conhecimento livre e – tal como mostra o conhecido exemplo do Galvanismo³⁶ –, os maiores e mais importantes progressos da Ciência para a vida se originaram precisamente a partir da [p.156] pesquisa livre e desinteressada. Ainda assim é um equívoco quando alguns sábios descolam a Ciência completamente da vida, querendo colocar como sua tarefa tão-somente a investigação da verdade, sem referência às necessidades da vida. Esta está sempre na base; a dependência dela continua existindo, só que se refere não mais à investigação singular, mas sim à Ciência como um todo, a qual segue leis próprias dentro de suas fronteiras. Entre a Ciência e sua aplicação existe uma distância maior, e esta é diversificada em diferentes Ciências; mas nenhuma Ciência pode e permite se furtar completamente a servir à vida.

Especialmente a Geografia, como vimos na investigação de seu desenvolvimento histórico³⁷, esteve por muito tempo a serviço da vida prática. A partir do apogeu da Antiguidade Clássica e novamente a partir da época dos Grandes Descobrimentos temos de fato investigações

* Seção 6, “A Geografia Prática” (*Praktische Geographie* – p. 155-160) do segundo capítulo (denominado livro) “A essência e as tarefas da Geografia” (*Das Wesen und die Aufgaben der Geographie* – p. 110-160) da obra de Alfred Hettner “A Geografia, sua história, sua essência e seus métodos” (*Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden*).

³⁶ Em 1780, em Bolonha, o médico *Luigi Galvani* (1737-1798) descobriu, por acaso, que eletricidade podia induzir a contração de músculos de sapos, mas não sabia interpretar o fenômeno corretamente. Apenas em 1792, agora em Pavia, *Alessandro Volta* (1745-1827) detectou que as contrações resultavam de uma eletricidade de contato entre metais que perpassava os corpos mortos. Mais tarde, tal fenômeno foi chamado de “galvanismo”. Sobre esta história, ver: Pera, Marcello. *The ambiguous frog. The Galvani-Volta controversy on animal electricity*. Princeton University Press, Princeton NJ, 1992. [N.T.]

³⁷ Hettner se refere aqui ao capítulo (denominado livro) I “A história da Geografia”. [N.T.]

puramente científicas e apresentações geográficas (*geographische Darstellungen*) que não têm nenhuma outra intenção senão narrar sobre países estrangeiros e esclarecer suas relações geográficas; mas em seguida chega uma época em que a Geografia se torna inteiramente servidora da administração do Estado e dos interesses práticos da vida cotidiana. Os manuais³⁸ de Geografia servem, até o presente, predominantemente aos interesses práticos, e eles incluíram apenas tangencialmente coisas cuja importância não é imediatamente evidente para a vida cotidiana. Igualmente, muitos dos atlas³⁹ (*Handatlas*) são dedicados pelo menos tanto às necessidades de orientação no exterior como ao conhecimento científico. Foi o grande mérito de *Carl Ritter* fazer valer a Ciência pura diante do interesse prático e, desde as últimas décadas do século passado, a Geografia se impôs como Ciência. O grande resultado dessa transformação é o conhecimento certamente incompleto nos detalhes, mas seguro no conjunto, das conexões causais dos fenômenos de uma região (*Land*). Esta também beneficia a Práxis, pois a Geografia pode agora responder também às questões da vida prática de forma melhor e mais profunda do que antes. Ela pode indicar, a partir do conhecimento das conexões causais, quais consequências terá uma transformação causada pelo homem. Apenas através disso ela se tornou capaz de ser uma servidora eficiente da política

³⁸ Desde o século XVIII produziram-se na Alemanha os chamados manuais geográficos e estatísticos (*Handbücher*), principalmente para os fins de uso na administração pública. A partir dos anos 1820, com base na iniciativa de Ernst von Seydlitz, um professor da comunidade religiosa dos Herrnhuter que também influenciou Carl Ritter, desenvolveu-se o uso de manuais para fins didáticos na escola. O “Grande Seydlitz” (*Handbuch für Geographie*) entrou na 25ª. edição em 1908, e livros didáticos de Seydlitz são publicados até hoje. [N.T.]

³⁹ Na segunda metade do século XIX, a Cartografia alemã era líder no mercado mundial. Este fato se deve principalmente à capacidade de industrialização editorial. Depois de uma época de “Atlas de mesa” com folhas de grande tamanho, surgiu o “Atlas de mão”, o *Handatlas*, que era amplamente divulgado não apenas entre cientistas, mas também em escolas e nas casas burguesas. O mais famoso *Handatlas* era, no final do século XIX e na primeira metade do século XX, *Stieler's Handatlas*, da Editora Perthes, com 10 edições entre 1816 e 1944. (a propósito, ver: Espenhorst, Jürgen. *Andree, Stieler, Meyer & Co, Handatlanten des deutschen Sprachraums (1800-1945) nebst Vorläufern und Abkömmlingen im In- und Ausland*, Bibliographisches Handbuch. Schwerte, 1994, p. 44-137, e também em <http://www.handatlas.de/>, acessado 04/01/2014). [N.T.]

regional⁴⁰ (*Landespolitik*) no sentido mais amplo. Ela tem o dever, e com isso não retira nada de sua posição científica, de colocar tal capacidade a serviço daquela [a política regional]; contudo, é-lhe permitido também reclamar que seja consultada, mais do que acontece na maioria das vezes até agora, em todas as questões de política regional e cultura regional (*Landeskultur*) e, ainda mais, que o povo inteiro e nomeadamente seus homens dirigentes se imbuam de formação geográfica (*geographische Bildung*) suficiente para [p.157] não basear as ações humanas, tanto em política interna quanto externa, sobre pressuposições geográficas falsas.

Podem-se diferenciar dois níveis na tarefa da Geografia Prática: a valoração e as propostas para a transformação enquanto fundamento imediato do empreendimento. A *valoração*⁴¹ (*Wertung*) restringe-se, tal como o conhecimento científico puro, à condição atual da região (*Land*); todavia, não se contenta com o conhecimento dos fatos e de suas causas, mas sim investiga qual valor as condições geográficas (*geographische Zustände*) têm para o homem, como elas servem às suas necessidades materiais e ideais, quais possibilidades de passar a vida e ganhar sustento material elas lhe oferecem, em qual sentido elas influenciam sua vida e seu caráter. Contudo, a valoração conduz quase automaticamente a propostas de transformação, por exemplo, de melhoramento da agricultura por meio de medidas de drenagem ou irrigação, do uso mais intensivo do solo, da introdução de novas plantas cultivadas ou animais domesticados, da exploração de jazidas minerais, da aplicação das forças hídricas para moinhos ou equipamentos elétricos, do melhoramento ecológico de

⁴⁰ Como a Alemanha (República de Weimar) da época de Hettner é dividida em unidades federativas chamadas *Länder*, entende-se aqui por *Landespolitik* a política de desenvolvimento regional para cada unidade federativa (*Land*). [N.T.]

⁴¹ *Valoração (Wertung)*: O debate sobre os valores políticos (e ideológicos), na segunda metade dos anos 1920 da república de Weimar, era extremamente forte, sendo dividido entre os nacionalistas feudais, os socialistas e comunistas, e a nova corrente dos nacional-socialistas. Na mesma época surgem as primeiras tentativas de uma arquitetura social (p.e. na Bauhaus), e de uma política de planejamento regional na região do Rio Ruhr e na região metropolitana de Berlim. Também na Filosofia este debate foi muito importante, inclusive entre aqueles neokantianos (Windelband e Rickert) que serviram de fundamento para as reflexões epistemológicas de Hettner. Sobre este debate no campo da Filosofia, ver: Rickert, Heinrich. *Ciência cultural y ciencia natural*. 4.ed. Madri: Espasa-Calpe, 1965, p.123-53. [N.T.]

pântanos, do equipamento de ruas e ferrovias ou de canais etc. A partir da valoração da realidade dada procede, portanto, a *construção* criativa de uma nova realidade, uma remodelação da região (*Land*) conforme as necessidades do homem.

Na medida em que determinadas necessidades da vida humana – ora mais as necessidades econômicas, ora as políticas, ora as culturais em geral – encontram-se, na maioria das vezes, em primeiro plano, as tarefas da Geografia Prática se juntam às partes singulares da Geografia do Homem, tal como aprendemos no penúltimo capítulo⁴². Imediatamente ao lado da Geografia Econômica dos Transportes posiciona-se uma Política Geográfica de Transportes, ao lado da Geografia Econômica Teórica uma Prática ou Política Geográfico-Econômica, ao lado da Geografia Política Teórica uma Geografia Política Prática ou Política Geográfica (Geopolítica). Quase não é necessário determinar individualmente as tarefas destas disciplinas práticas e delimitá-las diante das tarefas da Práxis pura. Todavia, é preciso destacar que se deve precaver de uma delimitação demasiadamente nítida entre as disciplinas individuais. Como as disciplinas teóricas já são interconectadas, do mesmo modo e até mais o são as [disciplinas] práticas. Política de Povoamento, Política de Transporte, Política Econômica e a assim chamada Política Superior têm que andar de mãos dadas.

Por este motivo queremos basear a discussão mais detalhada das tarefas da Geografia Prática não na diferenciação das mencionadas disciplinas materiais, mas sim na diferenciação espacial. Em primeiro lugar, trata-se da valoração e da remodelação melhorada – e fundamentada nesta valoração – da região, do lar, da pátria (*Land, Heimat, Vaterland*). Em segundo, trata-se da atuação dos alemães fora da pátria⁴³, em colônias

⁴² Hettner refere-se aqui ao subcapítulo de sua obra que traduzimos e publicamos neste mesmo periódico. Ver: Hettner, A. *Os ramos da geografia e sua relação com as ciências da natureza* / Die Zweige der Geographie und ihr Verhältnis mit den Naturwissenschaften. GEOgraphia, Niterói, 14, mai. 2013. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/565/357>. Acesso em: 22 Jan. 2014. (p.149-158) [N.T.]

⁴³ O termo *Vaterland* surge na Alemanha no início do século XIX como resposta étnica à ideia da *patrie* constitucional e multi-étnica na França. Ele ganha conotação política nas guerras de libertação, principalmente entre as corporações estudantis no lema *Ehre, Freiheit, Vaterland* (Honra, Liberdade, Pátria). O Nacionalismo alemão o transforma, no

próprias ou em países estrangeiros (*fremde Länder*), portanto, dos interesses da germanidade na fronteira, na colônia e em terra estrangeira. Em terceiro lugar, trata-se das relações do reino alemão, da economia alemã e da cultura alemã com outros reinos, portanto, de política exterior. Em cada caso, o modo de consideração (*Betrachtung*) é diferente.

O primeiro é a *política local*⁴⁴ (*Heimatpolitik*), à qual pertencem também as questões de *proteção local*⁴⁵ (*Heimatschutz*). Nossa pátria alemã nos é familiar em sua natureza geral; a investigação refere-se, contudo, mais aos fatos singulares do relevo, das águas, da fertilidade do solo, das jazidas minerais, da possibilidade de equipamentos industriais, etc. Neste fato observa-se que a valoração geográfica (*geographische Wertung*), na maioria das vezes, esteve subordinada à valoração [ensejada] pelas disciplinas científicas individuais. Todavia, isso aconteceu excessivamente. Às vezes, o especialista perde de vista, de modo demasiado, as conexões gerais e propõe medidas que, do seu ponto de vista especial, poderiam ser úteis, mas que prejudicam, através de sua retroação, outros fenômenos, outros ramos vitais ou também a imagem da paisagem,

final do século XIX, em favor de uma conotação estatal em *Gott, Volk, Vaterland* (Deus, Povo, Pátria). Posteriormente a esta publicação de Hettner, os nacional-socialistas utilizaram o termo em *Für Führer, Volk, Vaterland* (Para Führer, Povo, Pátria). [N.T.]

⁴⁴ A *Heimat* (lar) é um termo ideológico, utilizado durante o século XIX pelo Movimento romântico alemão contra o expansionismo francês de Napoleão. No final do século XIX, formou-se a *Heimatschutzbewegung* (movimento de proteção do lar) com a promoção dos folclores regionais, a criação de grupos folclóricos, museus locais e a história regional (*Heimatgeschichte*), todos com um viés de uma crítica civilizatória. Durante os anos 1920, este movimento foi fortalecido através da ideia geodeterminista e política formando uma política para a conservação da *Heimat*. A propósito, ver: Blickle, Peter. *Heimat: A Critical Theory Of The German Idea Of Homeland*. Camden House, 2004, e Edeltraud Kluebing (Hg.): *Antimodernismus und Reform. Zur Geschichte der deutschen Heimatbewegung*. Wissenschaftliche Buchgesellschaft: Darmstadt, 1991. [N.T.]

⁴⁵ O movimento de *Heimatschutz* foi um movimento social e político para preservação de lugares de origem. Ganhou sua organização em 1904 na Liga de Proteção Local (*Bund Heimatschutz*), com o objetivo de preservação de monumentos, da arquitetura rural e burguesa tradicional, da paisagem cultural, da fauna e floral local, da arte folclórica e dos costumes, tradições, festas e trajes tradicionais. O movimento se organizou em inúmeros *Heimatvereine*, associações de preservação de tradições locais. [N.T.]

da qual o Canal do Neckar⁴⁶ é um exemplo alarmante. Deve-se estar claramente consciente da conexão interna causal de todos os fenômenos unificados num lugar para poder julgar todos os efeitos colaterais de uma medida. De todas as Ciências, contudo, apenas a Geografia está sintonizada nestas conexões. Também é claro que não pode trabalhar sozinha para elas, mas sim deve se aliar aos especialistas cujos conhecimentos e experiências vão mais a fundo no caso específico, e que nomeadamente também entendem mais das respectivas técnicas. O funcionário administrativo, o qual tem que realizar a síntese dos diferentes efeitos de uma medida prevista é, na maioria das vezes, um jurista demasiado unilateral para demonstrar tal capacidade. Já a estatística oficial fracassa aqui e necessita de uma reforma do ponto de vista geográfico. Até agora, ela se orientou demasiadamente pelas necessidades imediatas da administração e, assim, não responde adequadamente aos objetivos gerais.

Ainda muito mais clara é a importância da Geografia em todas as questões da *política colonial*⁴⁷ (*Kolonialpolitik*) e da *germanidade no*

⁴⁶ Alfred Hettner refere-se aqui à adaptação à navegabilidade do Rio Neckar nos anos 1920. Este rio interliga o centro industrial de Stuttgart com o centro industrial de Mannheim e a região do Rio Reno. Não se trata de um canal independente. Hettner deve ter observado em frente à sua própria casa (que ainda hoje é conservada) a construção de um trecho do canal na beira do Rio Neckar, em Heidelberg, quando redigiu este texto. [N.T.]

⁴⁷ Ao contrário de outras nações europeias, a Alemanha não tinha uma forte política colonial. A partir de 1882, contudo, com a fundação da *Deutscher Kolonialverein* (Associação colonial alemã) e, em 1887, com a criação da *Gesellschaft für Deutsche Kolonisation* (Sociedade para colonização alemã), uma organização de interesses comerciais, intelectuais (Friedrich Ratzel era membro-fundador) e políticos, iniciou-se um debate intenso sobre colônias alemãs, que resultou, após 1884, na organização de um pequeno império colonial (com colônias na África – em Togo, Tanzânia, África do Sudoeste e Camarões – além de áreas no Oceano Pacífico e uma colônia na China). Em grande medida, este império era dominado por comerciantes alemães que estabeleceram “Tratados de proteção” com lideranças locais e agiram sob controle do Conselho Colonial. Depois da Primeira Guerra Mundial, que causou a perda de todas as colônias, o lobby da *Deutscher Kolonialverein*, através da sua “Revista colonial alemã” (*Deutsche Kolonialzeitung*) procurou manter a questão colonial viva na República de Weimar. Como muitos geógrafos, Hettner apoiou a questão colonial nesta época. Ver: Schnee, Heinrich (Hrsg.): *Deutsches Kolonial-Lexikon*. Quelle & Meyer, Leipzig 1920. 3

exterior, portanto, da atuação e do assentamento nos países estrangeiros (*fremde Länder*). Aqui, na maioria das vezes, natureza e cultura não nos são familiares de início, no entanto, devemos sim nos familiarizar com elas primeiro para poder julgar se e de que modo alemães podem estabelecer-se aí e ganhar um campo adequado para sua atividade. Quantos empreendimentos já fracassaram porque tal julgamento geral da natureza da região (*Landesnatur*) havia sido esquecido ou mal feito! E como as medidas do governo prussiano foram equivocadas no seu respectivo tempo diante da emigração para o Brasil, porque não foram levadas em consideração as diferenças entre a São Paulo subtropical com suas plantações de café e o sul do Brasil temperado! Quantas gafes nossa política colonial cometeu até que ela chegasse numa clara diferenciação entre as regiões adequadas para povoamento ou emigração e aquelas apenas economicamente úteis! A primeira questão sempre deve ser se uma *região* (Land) se adequa ou não, por razões climáticas, ao povoamento massificado por alemães enquanto trabalhadores da terra ou operários em geral; aqui não se trata apenas da Patologia, mas sim da Fisiologia e Psicologia, ou seja, que suas vidas e sua saúde não estejam ameaçadas por doenças, mas sim que possam manter sua capacidade de desempenho corporal e espiritual e que não pereçam na geração seguinte. E mais, deve-se questionar em qual relação os imigrantes alemães entrarão provavelmente com a população existente, se a probabilidade de eles se integrarem nela rapidamente é maior do que eles conservarem sua germanidade. Em terceiro lugar, deve-se levar em consideração a avaliação geográfico-econômica do potencial produtivo e de consumo; pois, ao lado da provável sustentabilidade individual e nacional também a econômica deve ser garantida. Apenas quando tais questões gerais forem respondidas, poder-se-á ir à resposta das questões especiais, tal como na política local, e poder-se-ão focalizar as questões específicas de povoamento, de desenvolvimento do transporte, de aproveitamento econômico etc. Claro que o tipo de reflexão também se diferencia dependendo se se trata de colônias próprias ou de povoamentos em áreas (*Gebieten*) de Estados estrangeiros.

As questões de fundamentação geográfica da *política externa* (*auswärtige Politik*) são novamente um pouco diferentes, tanto em relação

volumes, e Conrad, Sebastian. *Deutsche Kolonialgeschichte*, Munique: Beck, 2008, p.23. [N.T.]

às intervenções estatais quanto às atuações econômica ou cultural em países estrangeiros (*fremde Länder*). Temos relações quaisquer com quase todos os países (*Länder*) da Terra; contudo, elas são diferentes para cada região (*Land*) e não se pode tratá-las sempre da mesma maneira, mas sim deve-se captá-las em suas especificidades. É preciso ter clareza sobre a essência de outros Estados, áreas econômicas, culturas; mas esta essência só pode ser compreendida sobre fundamento geográfico (*geographische Grundlage*). Política global, economia global, cultura global são em grande parte fenômenos geográficos e devem ser estudados e fundamentados geograficamente, se não se quiser incorrer em erros grosseiros. Antes da Guerra⁴⁸, tal compreensão geográfica foi muito pouco tratada. Nós geógrafos tínhamos nos restringido de modo demasiado a problemas puramente científicos, e neste contexto parece que contribuiu também a observação [p.160] de que as reflexões da Ciência não foram mesmo consideradas pela Práxis política, e nos círculos dos políticos a compreensão para tais assuntos foi demasiado diminuta, de modo que não fomos confrontados e incentivados com questões sobre estas coisas. Apenas a História, não a Geografia, foi percebida como fundamento científico da política. E mais, a Geografia fracassou na formação educacional popular geral em função da visão limitada de nossas administrações escolares. O inglês tem uma compreensão político-geográfica natural graças à antiga expansão sobre toda esfera terrestre, graças ao entrelaçamento de cada família com interesses externos. Nós, alemães, carecemos dela; daí ela ter que ser adquirida. Isso, contudo, não aconteceu nem antes da Guerra, nem acontece ainda hoje de maneira suficiente, e esse pecado de omissão teve consequências desastrosas e continuará assim, caso não se cuide mais da formação político-geográfica.

⁴⁸ Hettner refere-se aqui à Primeira Guerra Mundial. [N.T.]

O valor estético da paisagem*

Em nossa investigação sobre a essência e a tarefa da Geografia nós falamos também de uma Geografia Estética que busca definir o valor estético das diferentes paisagens e localidades (ver. p. 153)⁴⁹. E como nessa parte de nosso livro até aqui nós tentamos definir os conceitos e proposições que compõem o conteúdo da Ciência Teórica, deste modo devemos agora questionar também os conceitos e proposições gerais da Geografia Estética.

O primeiro fato fundamental é o caráter subjetivo da beleza ou do valor estético em geral, que pode existir não apenas na beleza em sentido estrito, mas também na sublimidade⁵⁰, grandiosidade⁵¹, serenidade e

* Seção 7, “O Valor Estético da Paisagem” (*Der ästhetische Wert der Landschaft*, p. 317-321) do quarto capítulo (denominado livro) “A formação dos conceitos e ideias geográficos” (*Die geographische Begriffs- und Gedankenbildung*, p. 215-323) da obra de Alfred Hettner “A Geografia, sua história, sua essência e seus métodos” (*Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden*).

⁴⁹ Hettner nos remete aqui ao subcapítulo sobre “Geografia Estética e Geografia como Arte” acima traduzido. [N.T.]

⁵⁰ O debate sobre o “sublime” (*das Erhabene*) tem uma longa tradição filosófica dentro da teoria da Estética. Na modernidade, o termo foi fundamental para as ideias do teórico inglês Edmund Burke (1729-1797), em sua obra “Uma investigação filosófica sobre as origens das nossas ideias do Sublime e do Belo” (1757). O Belo é a composição harmoniosa que nos agrada, enquanto o Sublime pode nos aterrorizar pelas suas tensões internas. Immanuel Kant (1724-1804) retoma o conceito de Burke na sua terceira crítica, a “Crítica do juízo” (1790), quando opõe o Belo que nos aparece sem interesse próprio, dando prazer, ao Sublime que nos incentiva a perceber a grandiosidade, mas também o terror, incomodando os nossos sentidos e invadindo a nossa tranquilidade. Friedrich Schiller interpreta Kant de modo que o Belo nos engloba em nossos sentidos, enquanto o Sublime nos eleva acima deles, criando liberdade para nós. Isso seria a função, por exemplo, da tragédia. Alfred Hettner deve ter sido bastante familiarizado com tais teorias, porque o seu pai publicou, em 1850, um conhecido livro sobre a Estética literária. “A escola romântica na sua relação com Goethe e Schiller” (Braunschweig: Eduard Vieweg). [N.T.]

⁵¹ Provavelmente, Hettner se refere aqui à pintura de paisagem dos Alpes que, em meados do século XIX, destaca o Sublime na “paisagem heroica” das montanhas alpinas, como

amenidade⁵² da paisagem. Em geral, temos chegado hoje à conclusão de que essas características não estão dentro da natureza, mas sim que o ser humano as leva à e as enxerga na natureza. Apenas através desse fato se explica mesmo a mudança da valoração estética em diferentes épocas, em diferentes povos, em diferentes níveis de educação (*Bildungsklassen*), em diferentes seres humanos, e também num mesmo homem em diferentes idades e [p. 318] diferentes momentos, conforme seu estado de espírito⁵³ (*Stimmung*) e segundo as condições externas. A influência que esses fatores exercem sobre os sentidos, a influência do calor e do frio, do vento, da neve e da chuva, da fome e da sede, dos desconfortos de viajar e do aborrecimento com os cocheiros e carregadores etc. podem ser, de certo modo, neutralizados; todavia, as subjetividades gerais continuam existindo, um juízo estético pode ser emitido apenas a partir do ponto de vista limitado de um ser humano adulto educado em nosso tempo e, em geral, em meio ao nosso povo. Além disso, devemos nos contentar com a descrição das características que incorrem na valoração estética e que de preferência a determinam.

O mais importante para a valoração estética é a imagem da paisagem em formas e cores. Junto a isso atuam também os sons, tal como o murmúrio do córrego, o canto dos pássaros ou ruídos desagradáveis, atuam os odores, atua o calor; contudo, esses efeitos se tornam completamente irrelevantes ante a imagem da paisagem. Alguns especialistas em Estética

as pinturas de Franz Anton Koch (1768-1839), Anselm Feuerbach (1829-1880) e Gottfried Keller (1819-1890). [N.T.]

⁵² A “serenidade” e a “amenidade” (*Heiterkeit und Anmut*) são características da “paisagem idílica”, opostas à “paisagem heroica” e muitas vezes referenciada às montanhas aplainadas como a Floresta Negra (*Mittelgebirge*). Este tipo apareceu no final do século XIX sobretudo entre pintores da paisagem realista que apresentam a paisagem serena e amena como fundo da vida idílica rural, como os pintores realistas *Hans Thoma* (1839-1924) e *Wilhelm Leibl* (1844-1900). Esta frase pode se referir também à veneração da paisagem italiana na Alemanha que, desde a “Viagem à Itália” de *Johann Wolfgang Von Goethe* (feita entre 1786-8, publicada entre 1813-1817), representa uma constante no imaginário paisagístico dos alemães eruditos, opondo a dramaticidade nórdica à tranquilidade mediterrânea. Entre 1844-47, o pai de Alfred, Hermann Hettner, fez uma grande viagem de pesquisa estética pela Itália, da qual resultaram várias publicações. [N.T.]

⁵³ Veja a nota 27. [N.T.]

(*Ästhetiker*), tal como *Fechner*⁵⁴, atribuíam às representações associativas – recordações históricas e mitológicas etc. – grande significância para a valoração estética, e *Ruskin*⁵⁵ vai tão longe que quer reconhecer como bela apenas a paisagem histórica em sentido estrito. Não deve haver nenhuma dúvida de que o prazer paisagístico em muitos, talvez na maioria dos seres humanos, repousa sobre a lembrança de grandes seres humanos, de batalhas e outros acontecimentos históricos, de lendas, ao lado também de recordações pessoais sobre vivências agradáveis. Apesar da autoridade de Ruskin, isso me parece, contudo, uma forma inferior de valoração estética da paisagem, até mesmo, eu diria, é um efeito colateral incômodo; tanto uma paisagem que foi formada apenas pela natureza quanto uma paisagem histórica pode ter, de modo semelhante, valor estético.

Estranha também é a valoração da paisagem sob o ponto de vista de sua adequação para a cultura: esta se encontra principalmente em seres humanos da vida prática e não merece o desprezo que o esteta⁵⁶ (*Ästhet*) frequentemente sente. Certamente, ela não precisa ser mesquinha, mas sim pode mover-se nas maiores perspectivas. Diante do olhar espiritual (*geistige Auge*) do colonizador, paisagens florestais inteiras aparecem transformadas em paisagens culturais, com campos e fruticultura, aldeias e quintas, entrecortadas por ruas e ferrovias. O técnico visualiza na paisagem o viaduto que encobre o vale, a perfuração de um canal; o industrial

⁵⁴ *Gustav Theodor Fechner* (1801-1887), físico e filósofo da natureza alemão, concebeu o princípio estético da associação (*ästhetisches Assoziationsprinzip*). Neste princípio, o olhar espiritual (*geistiges Auge*) distingue-se do olhar sensível (*sinnliches Auge*), pois associa ao objeto não apenas uma representação visual, mas também uma representação que incorpora os demais sentidos bem como sua respectiva história natural. [N.T.]

⁵⁵ *John Ruskin* (1819-1900), escritor, pintor, historiador da arte, membro influente do movimento neogótico e filósofo social britânico. Publicou uma História da Pintura Moderna em vários volumes (*Modern Painters*, 1843-1860), onde destaca a interligação entre a esfera espiritual e a estética, com referência especial ao contraste entre os estilos grego e gótico. O quarto volume dedica-se principalmente aos Alpes. Para uma leitura detalhada, ver: Cosgrave, Dennis. *John Ruskin and the Geographical Imagination*. *Geographical Review* 69, 1, 43-62 (1969), e Cosgrave, Dennis: *Vision and geography. Seeing, imagining and representing the world*. London, New York: Tauris, 2008. [N.T.]

⁵⁶ Hettner emprega o termo *Ästhet* (esteta) para designar aquele que tem apreço por obras de arte, reservando o termo *Ästhetiker* para se referir exclusivamente ao especialista ou teórico da Estética. [N.T.]

visualiza nela usinas siderúrgicas e fábricas. Suas ideias se inflamam; diante dele se abre o futuro tal como diante do historiador o passado. Ideias egoístas podem se infiltrar – todavia, a ideia fundamental é o progresso da humanidade.

[p. 319] À essência verdadeira da investigação estética aproxima-se cada vez mais a investigação teleológica do ponto de vista da uniformidade da paisagem, da sintonia dos fenômenos, da imagem harmônica da paisagem – para empregar a expressão de *Gradmann*⁵⁷ –, de ritmo – para usar a expressão de *Volz*⁵⁸; pois ambas as expressões parecem-me ter mais significado estético que teórico. Há paisagens nas quais a interligação e sintonia de todos os fenômenos são especialmente pronunciadas, de modo que as sentimos como uma obra fundida num único ato, enquanto outras são indiferentes ou, especialmente nas obras do ser humano, englobam também componentes estranhos. Contudo, essa forma de prazer estético está ligada à compreensão profunda da essência da paisagem e, por isto, não acessível à maioria. Ouve-se frequentemente a afirmação de que a concepção científica prejudica, de certo modo, o prazer estético da paisagem. No entanto, isso vale apenas para uma forma inferior de Ciência, a qual se exprime na mera topografia ou na simples análise da paisagem. A concepção sintética, que conduz à compreensão completa da paisagem e de certo modo a reconstrói no pensamento, também fomenta o prazer estético. A relação da Geografia para com a beleza da paisagem é igual à relação da Ciência da Arte para com a Arte.

Para ser bela, a paisagem deve ter um certo enquadramento, como se coubesse dentro de uma moldura; deve também formar um todo espacial. Quando um pedaço de uma paisagem estranha cai na imagem, à qual não pertence, tira-lhe sua composição integrada e, com isto, uma parte de sua beleza. Todavia, na maioria das vezes, o observador pode produzir esta moldura para si ao encobrir com a mão o [pedaço] não pertencente ou ao focalizar fixamente seu olhar.

⁵⁷ *Robert Julius Wilhelm Gradmann* (1865-1950), padre, botânico e professor de Geografia da universidade de Erlangen. (ver: Gradmann, Robert. *Das harmonische Landschaftsbild*, Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin, p.129-147. 1924). [N.T.]

⁵⁸ *Wilhelm Theodor August Hermann Volz* (1870-1958), geógrafo alemão, professor nas universidades de Erlangen, Breslau e Leipzig. (ver: Volz, Wilhelm. *Der Begriff des Rhythmus in der Geographie*. Leipzig 1926) [N.T.]

O fato de que não seja permitido a uma paisagem ser monótona, mas sim que deva ser variada e múltipla, para se fazer sentir como bela, não contradiz a [unidade criada pela] sintonia dos fenômenos e o enquadramento da paisagem; pois a monotonia cansa. Ainda que a vista de uma ampla planície possa ser tão grandiosa que simule a visão do mar, é cansativo caminhar, cavalgar ou dirigir por horas por esta planície quando não existe nenhuma variedade de vegetação que traga alternância. Igualmente, uma longa caminhada na selva causa efeito avassalador, a despeito de toda riqueza e de toda variedade de vegetação, e a visão de uma vertente coberta completamente com mata já não é tão bela por causa da escassez de contrastes. Longas linhas retas na paisagem agridem a visão. A paisagem também não pode mostrar contrastes exagerados de formas e uma policromia de cores demasiado diversificada, quando estas [formas e cores] não querem confundir o sentido e atuar como dissonantes. A diversidade da paisagem atua de maneira especial [p. 320] quando se conecta a um movimento, no qual as formas e cores alternam-se continuamente; aí repousa o estímulo do ir e vir das ondas, da água corrente ou em queda, da movimentação das nuvens, das folhas da árvore que balançam ou dos caules que envergam. Todavia, um movimento forte demais pode atralhar também o prazer estético.

O efeito estético parte de todos os fenômenos da paisagem: das formas da superfície terrestre firme, da água, do céu, da cobertura vegetal e do mundo animal, dos povoamentos e das obras do ser humano. O objetivo aqui não pode ser discutir tais efeitos detalhadamente; este capítulo não deveria ser uma Geografia Estética, mas sim apenas expor seus conceitos e diretrizes. A Geografia Estética tem menos a tarefa de julgar os objetos e fenômenos singulares da natureza e muito mais a de julgar o todo da paisagem em seu valor estético. As paisagens são unidades ou, melhor dizendo: criações, das quais parte um efeito uniforme sobre o sentimento do ser humano tanto em sentido científico, isto é, segundo a conexão causal dos fenômenos, como também em sentido estético, conforme o efeito sobre o sentimento do ser humano. Isto é o que *Banse*⁵⁹ designa

⁵⁹ Ver: Banse, Ewald. *Die Seele der Geographie: Geschichte einer Entwicklung*. Braunschweig: Westermann, 1924. Posterior a este texto de Hettner, ver: Banse, Ewald. *Landschaft und Seele: Neue Wege der Untersuchung und Gestaltung*. Munique: Oldenbourg, 1928, e Banse, Ewald. *Neue illustrierte Länderkunde: Landschaft und*

como alma da paisagem ou também seu milie⁶⁰, na medida em que posiciona erroneamente o efeito do sentimento dentro da mesma, ou o que Volz considera como o aroma da paisagem. Ratzel⁶¹ cunhou a expressão mais objetiva e mais em conformidade com a Estética, quando falou sobre o estilo da paisagem (*Stile der Landschaft*). Pois, de fato, como diferentes estilos de paisagem se distinguem, e como diferentes estilos de arte apelam a diferentes seres humanos de forma diferente, assim também alguns têm mais afeição por um estilo de paisagem e outros por outro. Tal como a paisagem gótica e a renascentista, também a nórdica ou a alpina e italiana se diferenciam. Enquanto uns se alegram pela montanha, outros se alegram pelo mar.

Se tentarmos comparar e ordenar diferentes paisagens conforme seu estilo, encontraremos semelhantes dificuldades tal como com a concepção científica de paisagem, porque o efeito estético provém de diferentes fenômenos da natureza, cuja separação obedece a diferentes leis. Como, na maioria das vezes, a concepção estética refere-se a uma paisagem restrita e apenas no caso de panoramas amplos compreende grandes espaços, assim, as causas geográficas (*geographische Ursachen*) que determinam os maiores fenômenos da superfície terrestre se tornam menos relevantes. Mais relevante mostra-se a forma do solo – montanha, planalto e planície – ao lado de sua divisão e suas formas singulares e, de outro lado, o clima e a vegetação – cujas principais características dependem do clima –, tanto da paisagem natural quanto da cultural. Com certa restrição pode-se dizer [p.321] que o clima determina mais as grandes regiões (*Regionen*), enquanto a formação do relevo as modifica. Diferenciemos, por exemplo, a paisagem nórdica, a italiana, a do deserto, a dos trópicos, etc.; mas quão diferentes são, mesmo dentro da Itália, os vales alpinos formados glacialmente, os Apeninos setentrionais puramente fluviais, as montanhas de calcário de Abruzos, o Vesúvio, a Campânia! Propor uma classificação uniforme dos estilos de paisagem quase não será possível. A depressão equatorial do rio Amazonas, sobre a qual foi desenvolvido recentemente o conceito de imagem harmônica da paisagem, é um excelente exemplo de

seelische Umriss von Ländern und Völkern der Erde. Braunschweig: Westermann, 1931. [N.T.]

⁶⁰ Em francês no original. [N.T.]

⁶¹ Ver: Ratzel, Friedrich. *Über Naturschilderung*. Munique, Berlim: Oldenbourg, 1904, p.136-146. [N.T.]

uma paisagem uniforme também no sentido estético, cujo estilo é mediado através do clima equatorial. Mas como o estilo se transforma quando nós escalamos, ainda no âmbito do mesmo clima, a montanha!

Deveremos provar se e até que ponto os princípios que propomos para as paisagens segundo a conexão causal dos fenômenos encontram também aplicação para as paisagens segundo seu efeito estético. Especialmente instrutivo seria atentar para análogas recorrências de estilo nos diferentes continentes.

O valor prático da paisagem*

Há menos ainda a acrescentar sobre o valor prático que sobre o valor estético da paisagem, isto é, sobre seu valor para a atividade vital do ser humano. Falamos sobre a tarefa da Geografia Prática⁶² e vimos que ela se diferencia num certo número de disciplinas, conforme as diferentes atividades vitais do ser humano, dentre as quais as mais importantes seriam a Geografia dos Povoamentos, a Geografia da Circulação, a Geografia Econômica, a Geografia Militar, a Geografia Política (ou Geopolítica). Trata-se de apreciar as condições que a natureza das regiões (*Natur der Länder*) oferece aos povoamentos, à circulação, à produção econômica em seus diferentes ramos assim como ao comércio, às operações militares, às decisões de política interna e externa. Essas condições são, contudo, tão abrangentes e tão variadas que apenas os pontos de vista mais gerais podem ser expostos aqui.

Também neste caso não se trata para a Geografia de objetos individuais – sejam eles rochas, vegetais, animais ou raças, povos, religiões, etc. –, mas sim de regiões (*Länder*) e paisagens como um todo segundo sua natureza orgânica e inorgânica, seus habitantes e sua cultura. Trata-se da formação e da característica do solo inclusive da estruturação interna e dos tesouros minerais presentes nas profundezas, do percurso dos rios e de sua condução, do clima, dos mundos animal e vegetal, do povoamento, da circulação, da vida econômica etc.; jamais se trata de um desses fenômenos isolado em si mesmo, mas sempre da coexistência (*Zusammensein*) e interação (*Zusammenwirken*) com os outros, portanto, do caráter geral das regiões (*Länder*) e localidades. A questão não é apenas se há um material valioso, mas também se existe mão-de-obra, se máquinas necessárias podem ser levadas até lá, se o transporte não se configura caro demais. E a resposta à totalidade dessas questões só pode provir justamente da natureza inteira, portanto, apenas sobre fundamento geográfico

* Seção 8, “O Valor Prático da Paisagem” (*Der praktische Wert der Landschaft*, p. 321-323) do quarto capítulo (denominado livro) “A formação dos conceitos e ideias geográficos” (*Die geographische Begriffs- und Gedankenbildung*, p. 215-323) da obra de Alfred Hettner “A Geografia, sua história, sua essência e seus métodos” (*Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden*).

⁶² Hettner se refere ao subcapítulo sobre “Geografia Prática” acima traduzido. [N.T.]

(*geographische Grundlage*). O valor de uma região (*Land*) para assentamentos constitui-se a partir do clima e das relações salutaras, da qualidade do solo, das condições de circulação e consumo e de outras, portanto, reside também, novamente, na geografia inteira da região (*Land*). Junto ao projeto de uma ferrovia devem-se perspectivar, ao lado da forma do relevo, também as relações com a água e o clima e ainda a produção e o potencial de produção da região (*Land*).

Entre diferentes regiões (*Länder*) e localidades existem analogias, e sua aproximação facilitará o julgamento. Em alguma medida, a Geografia Prática considerará também os tipos de paisagem. Não que eles criariam a totalidade dos fenômenos; ao contrário, os tipos se relacionarão sempre a uma série de fenômenos, deixando outros de lado. Eles vão se juntar a tipos que foram discutidos anteriormente (ver p.314)⁶³. Uma série de tipos se dá a partir da forma da superfície terrestre. Cadeias rochosas (*Gebirge*), independentemente de onde se localizam, têm características atreladas ao desnível enquanto tal, e isso pode-se dizer também de tipos singulares de cadeias rochosas (*Gebirge*) e de todas as outras formas principais da superfície terrestre.

Uma segunda série de tipos se dá a partir do clima. Calor e frio, radiação solar e chuva influenciam já diretamente toda a atividade humana e a vida inteira do ser humano. Do clima dependem também o solo e o balanço hídrico da região (*Land*), e, provavelmente o mais importante, a vegetação e com ela o mundo animal. Sob influência do clima estão a saúde e a capacidade de trabalho de diferentes raças ou, dito resumidamente, a possibilidade de sua aclimação. Não apenas a agricultura está inteiramente ligada ao clima, mas sua influência alcança também a mineração, a indústria, a circulação e o comércio. Neste caso, a influência não é tão evidente; o caráter do clima não pode ser identificado tão facilmente, como às vezes se pensa. Uma diferenciação de tipos climáticos que não seja fundada em valores numéricos individuais, mas sim concebida na totalidade dos fenômenos, tem, desta maneira, significância prática extraordinária.

Da mesma maneira, os fenômenos que se dão a partir da deriva dos continentes e ilhas e que ganham expressão especial na diferencialidade da

⁶³ Hettner refere-se aqui aos tipos de paisagem discutidos no subcapítulo anterior, que trata do valor estético da paisagem. [N.T.]

flora e da fauna devem ser levados em consideração e podem ser tipificados.

[p.323] Desse modo, podem-se encontrar ainda outras analogias e propor outros tipos de paisagem que facilitam o julgamento prático. Mas, no fundo, cada região (*Land*) e cada localidade se diferencia de outras pela intensidade, dentro da qual as características típicas ganham destaque, e pela ligação das diferentes séries de fenômenos; e, por fim, o julgamento prático deve ser sempre individual, tal como no conhecimento teórico. É um grande erro, senão o maior, quando se negligencia a individualidade, bem como quando se abdica da concepção de recorrente, do típico.

Se, em primeiro lugar, a valoração prática das regiões (*Länder*) estiver a serviço dos interesses econômicos e outros mais ou menos egoístas do indivíduo ou de uma comunidade maior, por exemplo, do Estado, ela marchará assim ao mesmo tempo a serviço do progresso cultural e ganhará significância *ética* e até, em certo sentido, *religiosa*. Atribuimos maior ou menor valor às regiões (*Länder*) e localidades conforme elas sirvam mais ou menos à cultura humana, ofereçam-lhe um solo mais ou menos vantajoso; e essa valoração cultural se juntará ao ânimo religioso elevando um olhar agradecido ao Criador.

A valoração cultural pode coincidir com a [valoração] estética. Quando vemos a selva interrompida por uma clareira com lavouras e plantações e habitações humanas, isso reaviva não apenas a imagem da paisagem, pois interrompe a monotonia, mas nos alegra também por meio do pensamento, porque o ser humano encontrou aí um lugar para viver e atuar. Na contemplação de uma mata devastada e não mais reflorestada, o aspecto horroroso do deserto do solo com troncos carbonizados e bosque emaranhado insulta não apenas nossa sensação estética, mas também lamentamos a destruição de uma proteção eficaz contra a erosão do solo e pensamos nas consequências trágicas da enchente. Porém, a valoração cultural pode se contrapor à [valoração] estética. O exemplo mais conhecido disso é a grande represa de Assuã⁶⁴. Certamente, é lamentável

⁶⁴ Trata-se aqui não da atual barragem de Assuã, que foi construída entre 1960-71 pelo governo egípcio, mas da antiga barragem construída entre 1899-1902, ainda sob o controle britânico. A “baixa barragem” (*Low Dam*) fica no rio Nilo, 7 km abaixo da atual, na primeira catarata, e teve inicialmente uma altura de 36 metros, com um comprimento de 2 km. Ela servia principalmente para regular a irrigação do vale do rio

que o belo templo de File⁶⁵ tenha sido destruído por ela; se, no entanto, nós ponderarmos que a área agrícola (*Kulturland*) do Egito pôde ser expandida em milhares de hectares e que mais de um milhão de seres humanos ganhou a possibilidade de viver através disso, assim, o prato da balança de nosso juízo penderá mesmo para o lado cultural. Também nós de Heidelberg deveríamos admitir a desfiguração iminente de nossa paisagem pelas eclusas do canal do Neckar⁶⁶, se pudessemos estar convencidos de que a beleza da paisagem não fosse vítima de interesses econômicos equivocados e proporcionalmente pequenos.

Nilo. Foi ampliada por duas vezes, a primeira entre 1907-12, em 5 metros, e a segunda entre 1929-33, em 9 metros. Provavelmente, Hettner acompanhou a discussão sobre essas ampliações. [N.T.]

⁶⁵ O templo da Isis de *File* (*Filas* ou *Philae*), junto com outros templos na mesma ilha e na ilha vizinha de Bigeh, acabou sendo submerso pelo lago da barragem, mas reaparecia sempre que as eclusas eram abertas, entre julho e setembro. Entre 1977 e 1980, a UNESCO deslocou os templos de File para a ilha próxima de Agilkia, onde agora podem ser visitados. [N.T.]

⁶⁶ Veja a nota 46. [N.T.]